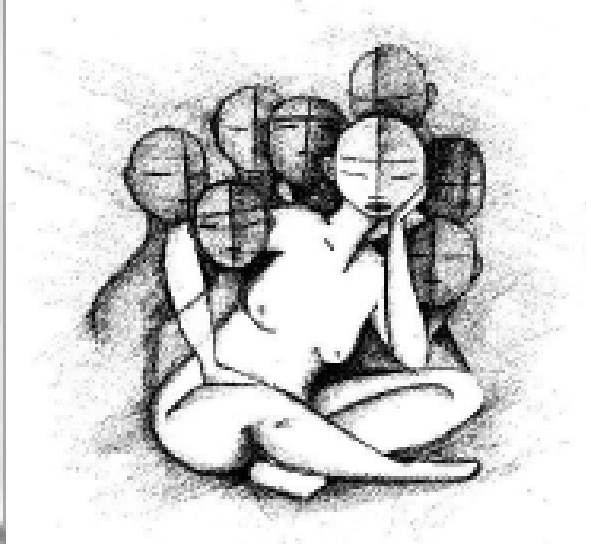




CRIAÇÕES



CRIA
Centro em Rede
de Investigação
em Antropologia



Pessoas

A PARTIR DE UMA ENTREVISTA DE VERA AZEVEDO (CRIA-NOVA FCSH) A GIULIA CAVALLO (CRIA-ISCTE)

15 DEZEMBRO 2021

Giulia Cavallo

**ANTROPÓLOGA DESENHADORA
DE MUNDOS**

Iniciar esta página com a Giulia Cavallo parece ser uma boa oportunidade para pensar as possíveis interseções entre Antropologia, Arte e Educação, mas também para levantar questões como a precariedade do trabalho na academia, ou ainda a incerteza e a resistência em tempos de adversidade.

Primeiro, oníricas paisagens urbanas, depois autorretratos e, mais tarde, representações de mulheres que comungavam com a terra em postura de beatitude e voluptuosidade, sugerindo um empoderamento feminino.

Giulia Cavallo tem 42 anos e nasceu em Turim, na Itália, onde se licenciou em Filosofia. A viver em Lisboa desde 2007, concluiu o doutoramento em Antropologia no ICS-UL com a tese *Curar o passado: mulheres, espíritos e "caminhos fechados" nas igrejas Zione em Maputo* (2013). O seu percurso como investigadora sempre se relacionou com o continente africano, onde trabalhou na área da cooperação internacional em contexto urbano, primeiro no Quênia e depois em Moçambique, em duas ONG. Durante o período do doutoramento Giulia foi mãe, condição que considera inspiradora para a escrita da tese, mas após a sua conclusão o rumo dos acontecimentos não foi o desejável e esperado. Apesar de receber propostas para integrar as equipas de alguns projetos a serem desenvolvidos em Moçambique, as condições de precariedade e o financiamento tardio congelaram a possibilidade de prosseguir uma carreira académica.

Nessa altura, entre 2013 e 2015, quem a seguia na plataforma Facebook deu conta de muitas publicações com ilustrações assinadas com o seu nome.

Primeiro, oníricas paisagens urbanas, depois autorretratos e, mais tarde, representações de mulheres que comungavam com a terra em postura de beatitude e voluptuosidade, sugerindo um empoderamento feminino. Na conversa que antecedeu a escrita deste texto, Giulia refere que desenha em esquisso livre desde criança, mas só quando uma amiga com quem partilhava casa a incentivou a dar visibilidade aos seus desenhos é que se apercebeu das possibilidades futuras a partir de uma prática que considerava ser do foro privado.

A partir de 2015 o desenho começou a fazer parte da sua rotina diária, vendeu algumas pranchas a amigos e conhecidos e surgiram convites para expor em Portugal, Itália e Espanha. Do diálogo que manteve com os colegas antropólogos surgiu um segmento de trabalho sobre Práticas de Arte Baseada na Etnografia, com o qual participou na *Paratissima Lisboa 2016*. Com base na sua experiência pessoal, desenhou uma série de pranchas onde expôs o processo cognitivo relativo à informação recebida sobre percepção da doença e terapêutica durante o

trabalho de campo em Maputo.

Sobre a articulação entre o trabalho académico e o trabalho artístico, Giulia confessa que “foi um processo muito bonito. Foi um reapropriar do terreno que estudei, mas de uma forma emocional, algo que senti faltar no texto académico (tese)”. Também manifestou a intenção de, no futuro, presentear os seus interlocutores com estes desenhos, pois considera que ainda lhe falta dar retorno às muitas pessoas com quem trabalhou em Moçambique.

Desta experiência artística sobre o trabalho de campo em Maputo, surgiu a exposição *Quando os Caminhos estão Fechados* (2016) no ICS-UL, um percurso gráfico sobre a sua visão do que significa ficar doente, no sentido lato da doença e da aflição. O retorno dos pares, dos amigos e do público em geral foi tão positivo que, em 2017, inaugurou um atelier de desenho. Durante um ano, este espaço de criação promoveu pequenas exposições e privilegiou o encontro, a discussão e a colaboração entre antropólogos que recorrem ao



desenho e à BD e artistas oriundos das artes visuais. Com o seu sorriso calmo, Giulia revela que esta troca de experiências “foi bonita, mas a continuidade do projeto não foi como expectei inicialmente porque não me foi possível garantir a sustentabilidade financeira para prosseguir este formato”. Contudo, o seu interesse crescente em partilhar saberes com amigos e artistas que exploram o método etnográfico de forma engajada, motivou novas perspetivas para pensar a antropologia e estimulou a ação face à adversidade do momento.

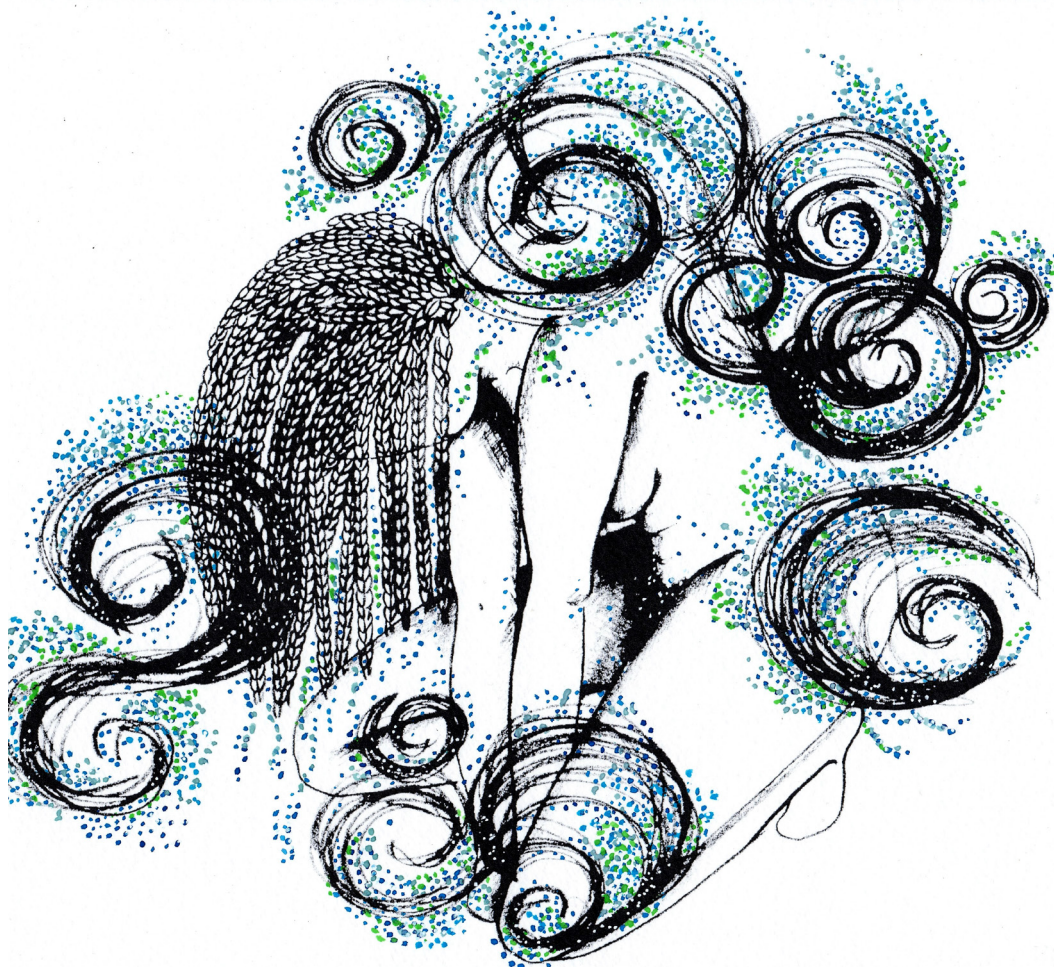
Com base na experiência académica e artística adquirida e inspirada por uma prática exercida em Itália de forma especializada na área da Filosofia para crianças, em que se utilizam leituras, publicações ilustradas e workshops para despertar o interesse por esta disciplina, ainda no espaço do atelier, surgiu o projeto Antropologia para Crianças, uma oficina dedicada a crianças dos 7 aos 12 anos. Através da observação das múltiplas formas de desenhar, da mitologia comparada e da exploração de mapas do mundo, a ideia subjacente a esta iniciativa caminhou no sen-

tido de promover junto das crianças uma nova narrativa sobre a diversidade.

Quando se encontrou na circunstância de fechar o atelier, Giulia refletiu mais assertivamente sobre a sua experiência de voluntariado com a imigração em massa que irrompeu pela Itália em finais dos anos 1990. Pelo facto de ser mãe e residir em Portugal, decidiu trabalhar uma proposta para apresentar junto das escolas do ensino básico com elevada representatividade de alunos provenientes de diversas nacionalidades. O objetivo deste projeto centrava a antropologia como ferramenta de conhecimento, com recurso à realização de pequenas histórias de vida, baseadas em desenhos, observação na escola e entrevistas feitas entre as crianças e em casa, por forma a “gerar informações sobre o outro em primeira mão, inibindo a reprodução de estereótipos”. Com o apoio do CRIA, durante o ano de 2018 Giulia desenvolveu uma proposta de Laboratório de Antropologia para integrar o programa de três escolas do ensino básico candidatas ao concurso Fazer Acontecer, promovido pela CML. O início dos trabalhos de coordenação deste proje-



Através da observação das múltiplas formas de desenhar, da mitologia comparada e da exploração de mapas do mundo, a ideia subjacente à oficina caminhou no sentido de promover junto das crianças uma nova narrativa sobre a diversidade.



to junto de uma das escolas financiadas sofreu adiamentos sucessivos devido à crise pandémica provocada pela doença Covid-19, mas, finalmente, no passado dia 10 de dezembro, o primeiro Laboratório de Antropologia para crianças aconteceu em Arroios.

Em simultâneo, colaborou com a investigadora Anna Fedele (CRIA-ISCTE) no projeto *Fátima, um século após as aparições: peregrinação, gênero e religião vivida*, financiado pela FCT, para o qual conduziu entrevistas em

Lisboa junto de um universo de mulheres oriundas de países africanos de língua portuguesa e devotas a Fátima. Já em 2019, no âmbito da investigação pós-doutoramento, integrou o projeto HERA *Heriligion - Heritagização da religião e sacralização do património na Europa contemporânea*, novamente sob a supervisão de Anna Fedele, sobre um estudo de caso no santuário de Fátima, onde realizou entrevistas a peregrinos africanos e membros das comunidades hindu e muçulmana de Lisboa, colaborando também na

exposição final que esteve patente no Museu de Etnologia.

No atípico ano de 2020 e em pleno confinamento, Giulia apurou a sua técnica de desenho, produziu e vendeu uma extensa coleção de ilustrações. Durante a nossa conversa, revela que a pulsão artística do ato de desenhar se alimenta de duas vertentes. A primeira, mais livre e desengajada, conta histórias conectadas a memórias pessoais e reflete o desenvolvimento temático dos seus desenhos. A segunda manifesta “a disciplina conferida pelo trabalho antropológico”, mas pretende comunicar os conceitos da antropologia sem a rigidez formal do contexto académico. Com a graça que lhe é peculiar, sublinha que não fora a impossibilidade de realizar o percurso académico expectável, com uma tese concretizada em moldes clássicos, e nunca o seu projeto artístico se teria expandido de forma tão reconhecida.

Por fim, em janeiro de 2021, foi convidada pelo Departamento de Antropologia do ISCSP-UL para lecionar as cadeiras semestrais Antropologia e Desenvolvimento, na licenciatura, e Globalização e Desenvolvimento,

no mestrado. Esta oportunidade de partilhar a sua experiência na área do desenvolvimento, aliada à perspetiva crítica sustentada pelos anos vividos na cooperação em contexto africano, emerge como uma nova possibilidade de reflexão. Contudo, se hoje o seu trabalho artístico surge como central na demanda de tornar a antropologia “mais pública”, Giulia sabe que precisa de tempo, um tempo que o mundo atual não parece disponibilizar a troco de ideias.

“A beleza da antropologia reside no facto de ser uma ciência lenta, um espaço onde as ideias precisam amadurecer para serem trabalhadas”

No final da nossa conversa, Giulia reitera que a beleza da antropologia reside no facto de ser uma ciência lenta, um espaço onde as ideias precisam amadurecer para serem trabalhadas. “É precisamente da



mesma forma que encaro o processo de desenhar” salienta. “Desenhar quando se está no terreno implicaria a rapidez de um sketcher e, sinceramente, não consigo; aprecio muito mais pensar sobre o que se passou e desenhar depois”. Quando lhe perguntei se ponderava dar continuidade à investigação sobre religião, a sua especialidade desde o último ano da licenciatura, diz não existir forma mais poderosa para conhecer determinado contexto e pensar a condição humana do que através da religião, pois esta é a alavanca para dialogar com o lado emocional das pessoas. E se bem entendo o que disse, basta olhar para os seus belos desenhos, os quais ecoam os vários mundos interiores que habitam o nosso quotidiano.

legendas das imagens:

fig. 1 Giulia Cavallo

fig. 2 *Seres Múltiplos*

fig. 3 *Vulnerabilidade*

fig. 4 *Purificação*

**fig. 5 ilustração de Giulia C.
fotografada por Vítor Barros**



CRIAÇÕES É UMA PROPOSTA DE COMUNICAÇÃO DE CIÊNCIA DO CRIA E CONTA COM A COLABORAÇÃO DE DOUGLAS SANTOS, EDUARDA ROVISCO, VANESSA IGLÉSIAS AMORIM E VERA AZEVEDO.

DESIGN: MARIANA CAMACHO